

O EFEITO DA INTRODUÇÃO DO TEMA 'SAÚDE DA DIVERSIDADE SEXUAL' SOBRE O CONHECIMENTO DO ESTUDANTE DE MEDICINA EM SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANSGÊNERO

THE EFFECT OF INTRODUCTION OF 'LGBT HEALTHCARE' CONTENT ON MEDICAL STUDENTS' KNOWLEDGE OF TRANSGENDER CARE

EL EFECTO DE LA INTRODUCCIÓN DEL TEMA 'SALUD DE LA DIVERSIDAD SEXUAL' SOBRE EL CONOCIMIENTO DEL ESTUDIANTE DE MEDICINA EN LA SALUD DE LA POBLACIÓN TRANSGÉNERO

Sérgio Henrique Pires Okano¹  Letícia Franco Di Carvalho Vilela²  Livia Teotônio Trufeli²  Estéfany Gimenez Zacarin² 
Giordana Campos Braga³ 

Resumo: Introdução: Pessoas transgênero correspondem a 2% da população mundial e enfrentam diversas barreiras de acesso às redes de saúde, sobretudo pelo preconceito e falha na formação dos profissionais que as assistem. O objetivo deste estudo foi avaliar o efeito da introdução do tema Diversidade Sexual e supervisão de atendimentos em pessoas trans, avaliando conhecimento e segurança da abordagem neste atendimento pelo aluno de medicina. Métodos: Este é um estudo quasi-experimental com análise antes e depois através de um questionário GoogleForms®, realizado entre 01 de julho a 31 de dezembro de 2023, com alunos do último ano do curso de medicina. Foram excluídos alunos que não responderam completamente ao questionário estruturado. Os dados descritivos foram analisados utilizando mediana e intervalo interquartil comparados antes e depois da intervenção utilizando-se o teste de Wilcoxon com significância de 5%. Também foi avaliada a correlação entre as respostas do questionário pré-disciplina através do teste de correlação de Spearman. Resultados: Dos 89 alunos matriculados na disciplina, 66 alunos preencheram o questionário previamente à disciplina e 41 completaram o questionário após a intervenção. Os participantes tinham idade média de $25,3 \pm 1,9$ anos, se autodeclararam de cor branca, cisgênera e cristã. Na primeira avaliação, 29 (46%) identificaram-se como pertencentes à comunidade LGBT+, 27 (42,9%) afirmaram ter contato com assuntos relacionados à transgeneridade na grade curricular. Vinte e seis (41,3%) não se sentiam totalmente confortáveis para perguntar sobre o uso do nome social e pronomes. Um terço dos alunos (33,3%) não se sentem confortáveis para dar orientações a pacientes transgênero. O uso do nome social se associou ao contato prévio com esse tema à grade curricular ou a atividades complementares, sobretudo o contato prévio com pacientes transgênero. A presença do assunto na grade curricular se correlacionou inversamente à percepção de necessidade de incluir essa discussão na graduação. A intervenção sobre Diversidade Sexual melhorou os conhecimentos sobre terminologias, a segurança para uso do nome social, incluindo a abordagem quanto ao seu uso e para uso dos pronomes adequados. Também houve maior contato nos atendimentos com pacientes trans e maior segurança em fornecer informações em saúde para essa população. Conclusão: O contato e vivência do tema diversidade sexual na graduação pode ser uma estratégia objetiva, que traz mais segurança para o aluno quanto às terminologias e abordagem e cuidados específicos à população trans.

Palavras-chave: Comunidade transgênero; Educação de graduação em medicina; Ambulatório trans.

Abstract: Introduction: Transgender individuals represent 2% of the global population and face various barriers to accessing healthcare networks, primarily due to prejudice and shortcomings in the training of professionals who assist them. The aim of this study was to evaluate the effect of introducing the theme of Sexual Diversity and supervision of care for transgender individuals, assessing the knowledge and confidence in approach to this care among medical students. Methods: This is a quasi-experimental study with pre- and post-analysis using a Google Forms® questionnaire,



¹Mestre em ciências. Universidade de Ribeirão Preto, Curso de Medicina, Ribeirão Preto, Brasil. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Departamento de Ginecologia e Obstetrícia, Ribeirão Preto, Brasil. sergio.okano@usp.br

²Graduanda de Medicina. Universidade de Ribeirão Preto, Curso de Medicina, Ribeirão Preto, Brasil. leticia.fvilela@sou.unaerp.edu.br; livia.trufeli@sou.unaerp.edu.br; estefany.zacarin@sou.unaerp.edu.br

³Professora Doutora. Universidade Federal de Campina Grande, Departamento de Ginecologia e Obstetrícia, Campina Grande, Paraíba. giordanacb@yahoo.com.br

conducted from July 1 to December 31, 2023, with final-year medical students. Students who did not fully respond to the structured questionnaire were excluded. Descriptive data were analyzed using median and interquartile range, compared before and after the intervention using the Wilcoxon test with a significance level of 5%. The correlation between pre-discipline questionnaire responses was also evaluated using the Spearman correlation test. Results: Of the 89 students enrolled in the discipline, 66 students completed the questionnaire before the discipline, and 41 completed the questionnaire after the intervention. Participants had a mean age of 25.3 ± 1.9 years, self-identified as white, cisgender, and Christian. Before the intervention, 29 (46.0%) identified themselves as belonging to the LGBT+ community, 27 (42.9%) reported having contact with issues related to transgenderism in the curriculum. Twenty-six (41.3%) did not feel entirely comfortable asking about the use of social names and pronouns. One-third of students (33.3%) do not feel comfortable providing guidance to transgender patients. The use of social names was associated with prior contact with this subject in the curriculum or in extracurricular activities, especially prior contact with transgender patients. The presence of the subject in the curriculum was inversely correlated with the perception of the need to include this discussion in undergraduate studies. After the intervention, medical students improved knowledge about terminologies, confidence in using social names, including approach regarding their use, and in using appropriate pronouns with transgender patients. There was also increased contact with transgender patients during consultations ($p < 0.001$) and greater confidence in providing health information to this population. Conclusion: Contact and experience with the topic of sexual diversity during undergraduate education can be an objective strategy that brings greater confidence to students regarding terminologies, approach, and specific care for the transgender population.

Keywords: Transgender Community; Education, medical; Trans Outpatient Clinic.

Resumen: Introducción: Las personas transgénero representan el 2% de la población mundial y enfrentan diversas barreras de acceso a las redes de salud, sobre todo debido al prejuicio y a la falta de formación de los profesionales que las atienden. El objetivo de este estudio fue evaluar el efecto de la introducción del tema Diversidad Sexual y la supervisión de atención a personas trans, analizando el conocimiento y la seguridad en el abordaje por parte del estudiante de medicina. Métodos: Este es un estudio cuasi-experimental con análisis antes y después a través de un cuestionario en Google Forms®, realizado entre el 1 de julio y el 31 de diciembre de 2023, con estudiantes de último año de la carrera de medicina. Se excluyeron estudiantes que no completaron el cuestionario estructurado. Los datos descriptivos se analizaron utilizando mediana e intervalo intercuartil, comparados antes y después de la intervención mediante la prueba de Wilcoxon con significancia del 5%. También se evaluó la correlación entre las respuestas del cuestionario previo a la disciplina mediante la prueba de correlación de Spearman. RESULTADOS: De los 89 estudiantes matriculados en la asignatura, 66 completaron el cuestionario previo a la asignatura y 41 completaron el cuestionario después de la intervención. Los participantes tenían una edad promedio de $25,3 \pm 1,9$ años y se autodeclararon de color blanco, cisgénero y cristianos. En la primera evaluación, 29 (46%) se identificaron como pertenecientes a la comunidad LGBT+, 27 (42,9%) afirmaron haber tenido contacto con temas relacionados con la transgeneridad en el plan de estudios. Veintiséis (41,3%) no se sentían totalmente cómodos para preguntar sobre el uso del nombre social y pronombres. Un tercio de los estudiantes (33,3%) no se sentía cómodo para orientar a pacientes transgénero. El uso del nombre social se asoció al contacto previo con este tema en el plan de estudios o en actividades complementarias, especialmente el contacto previo con pacientes transgénero. La presencia del tema en el plan de estudios se correlacionó inversamente con la percepción de la necesidad de incluir esta discusión en la carrera de grado. La intervención sobre Diversidad Sexual mejoró los conocimientos sobre terminología, la seguridad en el uso del nombre social, incluyendo el abordaje sobre su uso y para el uso de los pronombres adecuados. También hubo un mayor contacto en la atención a pacientes trans y una mayor seguridad para proporcionar información de salud a esta población. Conclusión: El contacto y la vivencia del tema diversidad sexual durante la carrera puede ser una estrategia objetiva que aporta mayor seguridad al estudiante en cuanto a terminología y en el abordaje y cuidado específico de la población trans.

Palabras clave: Comunidad Transgénero; Educación Medica; Ambulatorio Trans.

Introdução

A pessoa transgênero é a pessoa que possui uma identidade de gênero diferente daquela imposta ao nascimento, ou seja, que não se identifica com o gênero designado pelo sexo ao nascimento (Coleman et al., 2022). A população transgênero enfrenta diversas barreiras de acesso à saúde (ACOG, 2021; Chu et al., 2018;

Learmonth *et al.*, 2018). Estima-se que aproximadamente 2% da população mundial seja de pessoas transgênero ou não-binárias (Goodman *et al.*, 2019). No Brasil, essa proporção foi estimada em 2021 por Spizzirri *et al.*, que concluiu que aproximadamente 0,7% da população brasileira se identifica como pessoas transgênero e 1,2% como não-binárias (Spizzirri *et al.*, 2021).

O despreparo profissional é reflexo da negligência com o tema dentro da graduação (Rigolon *et al.*, 2020). As abordagens com relação ao tema na formação médica, quando discutidas, são pautadas em questões associadas à marginalização e patologização dessas pessoas. Levantamentos nacionais, sugerem que menos de 6 horas da formação médica são dedicados à abordagem deste tema, normalmente pelas disciplinas de ginecologia, urologia e psiquiatria (Moretti-Pires *et al.*, 2019; Rufino, A. *et al.*, 2013). Estudos qualitativos com análise de discurso sobre o cuidado destinado à saúde de pessoas LGBTQ+ incluindo alunos de medicina mostram que há uma abordagem insuficiente e inefetiva sobre o tema. A percepção por parte dos estudantes é que o ensino de saúde LGBTQ+ além de insuficiente traz um despreparo dos alunos para o cuidado quanto à temática de gênero e sexualidade, o que gera impacto direto na assistência em saúde dessa população (Medeiros *et al.*, 2023; Negreiros *et al.*, 2019).

Desta forma, este trabalho tem por objetivo avaliar qual o efeito da introdução do tema e da supervisão de atendimentos às pessoas transgênero sobre os conhecimentos e segurança da abordagem do tema pelo aluno de medicina.

Métodos

Este é um estudo quasi-experimental com análise antes e depois que avaliou o conhecimento de alunos do curso de medicina de um curso no interior de São Paulo sobre conteúdos e temática de diversidade sexual e de gênero. A disciplina de Saúde da Mulher é oferecida no último ano da grade curricular, sendo o tema “Atendimento Integral à Diversidade Sexual” incluído no programa pedagógico em 2020. A discussão teórica, que dura aproximadamente 60 minutos, sobre o tema ocorre em forma de casos clínicos, com destaque ao cuidado médico à população transgênero. Os temas abordados na disciplina estão descritos no Quadro I e os Casos Clínicos discutidos apresentados no Anexo I. A disciplina também contempla a supervisão de atendimentos durante o ambulatório especializado de Sexualidade Humana, onde os alunos atendem pacientes transgênero com demandas relacionadas à saúde ginecológica e à terapia de afirmação de gênero (THAG), uma vez por semana durante 3 semanas.

Quadro I - Temas abordados na Discussão sobre Diversidade Sexual

1. Terminologias e abordagem
2. Competências do Médico Generalista:
 - a. Medidas gerais de promoção de saúde: mudança de estilo de vida, controle de hábitos nocivos e comportamentos de risco.
 - b. Saúde Reprodutiva - Prevenção de ISTs, Planejamento gestacional (incluindo as tecnologias de Reprodução Assistida) e Contracepção.
 - c. Rastreamento oncológico - Câncer de mama, colo do útero e próstata na população LGBTQ+
3. Competências Especializadas - Processo Transexualizador.

No período de 01 de julho a 31 de dezembro de 2023, os alunos matriculados da disciplina de Saúde da Mulher foram convidados a participar deste estudo, sendo incluídos aqueles que estivessem cursando a 11ª etapa (primeiro semestre do último ano) do curso de medicina e que ainda não tivessem passado pelo ambulatório de sexualidade. Foram excluídos alunos que não responderam completamente ao questionário estruturado. Consideramos a intervenção deste estudo, a participação do aluno na disciplina e atendimento no ambulatório especializado. Os alunos devem ter 100% de frequência nas disciplinas do internato, podendo-se supor que todos os participantes realizaram as 3 semanas de intervenção.

Utilizando o GoogleForms®, o participante concedia aceite ao Termo de Consentimento Livre

Esclarecido (TCLE) na própria plataforma, sendo encaminhado, em seguida, ao questionário estruturado antes de iniciar a intervenção (questionário pré-intervenção). Três semanas após a participação no curso, o participante recebia o acesso ao segundo questionário (questionário pós-intervenção). O formulário pós-intervenção ficou disponível durante todo o semestre. O questionário estruturado apresentava 11 assertivas cujas respostas foram dispostas em uma escala Likert (Concordo totalmente, Concordo, Não concordo nem discordo, Discordo, e Discordo totalmente). Para a análise das respostas, foram considerados valores inteiros de 1 a 5, sendo atribuído 1 para 'Discordo totalmente' e 5 para 'Concordo totalmente'. O questionário incluiu temas envolvendo a percepção da sua própria sexualidade, convivência com pessoas LGBTQ+, familiaridade com os direitos dessa população e conhecimento técnico médico sobre o assunto.

A análise dos dados foi realizada através de uma planilha de Excel (Microsoft Office®). Os dados descritivos foram expressos utilizando mediana e intervalo interquartil comparados antes e depois da intervenção utilizando-se o teste de Wilcoxon com significância de 5%. Também foi avaliada a correlação entre as respostas do questionário pré-intervenção através do teste de correlação de Spearman. O software Rx64 4.2.2 foi utilizado para análise. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da instituição (CAAE: 69289023.0.0000.5498)

Resultados

Dos 89 alunos matriculados na disciplina, 63 (70,8%) alunos preencheram o questionário inicial e 41 (46,1%) completaram o segundo questionário, ao final do semestre (Figura 1). Os participantes tinham idade média de $25,3 \pm 1,9$ anos, autodeclararam-se de cor branca (96,7%), cisgêneros (100%) e um terço de religião cristã (31,7%).

Dentre os participantes que responderam ao questionário inicial, 29 (46,0%) se identificaram como pertencentes, em algum grau, à comunidade LGBTQ+. Vinte e sete (42,9%) afirmaram ter contato com assuntos relacionados à transgeneridade na grade curricular. Vinte e seis alunos (41,3%) não se sentiam totalmente confortáveis para perguntar sobre o uso do nome social e 21 (33,3%) também não se sentiam confortáveis para dar orientações a pacientes transgênero.

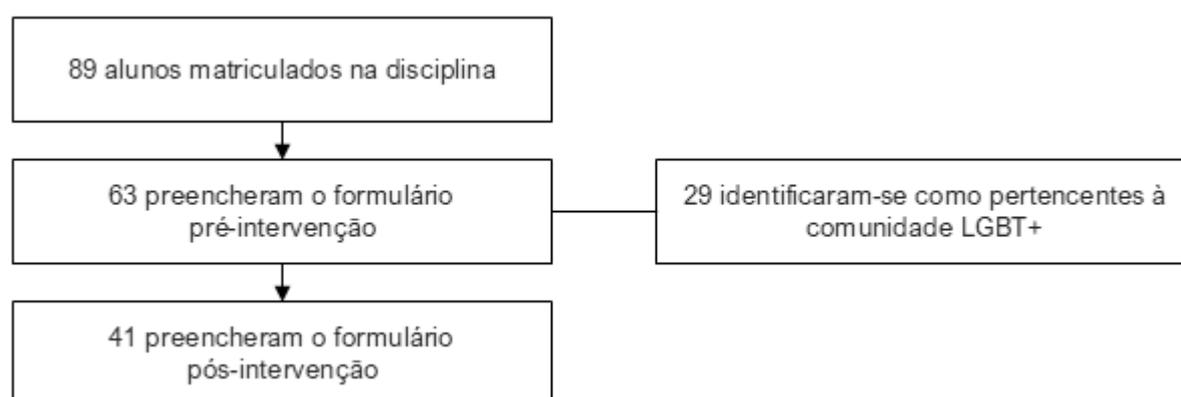


Figura 1 - Flowchart do recrutamento e preenchimento dos questionários

Em relação às respostas do questionário pré-intervenção, a familiaridade com as terminologias 'sexo' e 'gênero' se correlacionou ao conhecimento sobre o uso do nome social ($+0,50$, $p < 0,001$), à facilidade para abordá-lo ($+0,45$, $p < 0,001$) e utilização dos pronomes adequados durante o atendimento de pessoas trans ($+0,31$, $p = 0,012$). O conhecimento dessas terminologias também se correlacionou à busca do conhecimento sobre o assunto previamente à disciplina fora da grade curricular ($+0,30$, $p = 0,018$) e à presença de pessoas LGBTQ+ no convívio dos alunos ($+0,29$, $p = 0,022$). O conhecimento sobre o uso do nome social também se correlacionou com a facilidade para abordá-lo com o paciente ($+0,38$, $p = 0,002$). A procura pelo tema em palestras e cursos fora da grade curricular se correlacionou com o conhecimento sobre o uso do nome social ($+0,31$, $p = 0,013$) e à facilidade para acessar o seu uso com o paciente ($+0,27$, $p = 0,033$).

Na análise pré-intervenção, também foi observada uma correlação entre identificar-se como uma pessoa LGBT+ e se sentir confortável para perguntar sobre o uso do nome social (+0,30, $p=0,015$), buscar atividades complementares sobre o assunto (+0,29, $p=0,019$) e possuir proximidade com outras pessoas LGBT+ (+0,28, $p=0,025$). O convívio com pessoas LGBT+ também se correlacionou à percepção de discussão deste assunto previamente na grade curricular (+0,51, $p<0,001$). A presença do assunto na grade curricular se correlacionou inversamente à percepção de necessidade de incluir essa discussão na graduação (-0,36, $p=0,005$).

Após a intervenção, não houve modificação na percepção em relação à “proximidade” afetiva com pessoas LGBT+ pelos alunos ($p=0,060$); entretanto houve melhora em relação aos conhecimentos adquiridos sobre as terminologias ($p<0,001$), à segurança para uso do nome social ($p<0,001$) e para uso dos pronomes adequados ($p<0,001$). Também houve maior percepção de contato nos atendimentos com mulheres trans ($p<0,001$) e maior segurança em fornecer informações em saúde para essa população após o curso ($p<0,001$). Após a disciplina, o interesse por buscar informações fora da grade curricular também aumentou ($p<0,001$) (Tabela 1).

Tabela 1 - Comparação do conhecimento adquirido sobre Diversidade Sexual antes e depois da disciplina de Saúde da Mulher pelos alunos.

Questionário	Antes da Disciplina Md (IQR)	Depois da Disciplina Md (IQR)	p*
Você tem proximidade com pessoas LGBT+?	5 (4-5)	5 (4-5)	0,060
Conhecimento sobre os termos 'sexos' e 'gênero'	4 (3-5)	5 (5-5)	<0,001
Já acompanhou atendimentos de mulheres trans?	1 (1-4)	5 (2-5)	<0,001
Conhece o termo 'nome social'?	5 (4-5)	5 (5-5)	<0,001
Sente-se confortável com a abordagem do nome social?	3 (3-4)	5 (4-5)	<0,001
Sente-se preparado para o uso do pronome adequado com o paciente?	3 (3-4)	5 (4-5)	<0,001
Sente-se preparado para orientar o paciente trans quanto aos cuidados em saúde geral?	2 (2-3)	4 (4-5)	<0,001
Já teve contato com o tema na grade curricular?	2 (1-2)	5 (4-5)	<0,001
Buscou informações sobre o assunto fora da grade curricular?	3 (2-4)	4 (2-5)	0,021

Legenda: Md= Mediana, IQR =intervalo interquartil. *Teste de Wilcoxon entre as variáveis pré e pós-intervenção.

Discussão

Após a introdução do tema e da vivência do ambulatório de sexualidade humana, foi possível observar um aumento no conhecimento e na segurança do aluno de medicina com o atendimento de pessoas trans, facilitando a utilização do nome social, pronomes adequados e orientações em saúde para essa população. Previamente à disciplina, esse conhecimento era adquirido através de atividades extracurriculares e pouco abordado na graduação. Chama a atenção a quantidade de participantes deste estudo que se identificaram de alguma forma como pessoas LGBT+, o que pode aumentar a familiaridade e o interesse desses alunos pelo assunto.

A formação de médicos sobre o assunto é ínfima ou ausente. Um estudo realizado com 242 alunos de faculdades do Piauí identificou que o tema de Sexualidade é pouco abordado na graduação médica, sendo a ginecologia a disciplina que mais aborda o tema, com pouco enfoque para discussões acerca da homossexualidade e dos direitos sexuais e reprodutivos (Rufino, A. *et al.*, 2013). Um outro estudo qualitativo com médicos que atuam na atenção primária à saúde (APS) identificou que esses profissionais nunca realizaram qualquer capacitação ou curso sobre a saúde LGBT+. Todos os entrevistados desse levantamento negaram qualquer disciplina ou conteúdo curricular que avaliasse a questão durante a graduação (Negreiros *et al.*,

2019).

Não existe consenso sobre como a temática deve ser abordada. Entre as barreiras para a sua inclusão na grade curricular destacam-se o curto espaço de tempo das disciplinas, a falta de competências técnicas dentro da própria universidade e a falta de suporte institucional (Dubin et al., 2018). O déficit na formação acadêmica sobre o tema também reflete a dificuldade em se ter preceptores e professores que dominem esses aspectos da sexualidade humana, além da presença de crenças e valores morais rígidos de médicos que podem ser obstáculos para uma abordagem ética e inclusiva em sexualidade.

Um estudo com 391 estudantes do primeiro ao oitavo semestre de um curso de Medicina da região sul do Brasil em 2017 identificou uma alta taxa de preconceito nas respostas que envolviam questões LGBT+ (Moretti-Pires et al., 2019). Estudos que avaliam estratégias para aumentar o conhecimento de alunos em saúde trans destacaram que leituras e discussões em horários fora da grade e módulos específicos dentro de disciplinas como a saúde da família e comunidade resultaram na melhora do conhecimento sobre políticas e necessidades específicas que envolvem essa população, reduzindo inclusive situações de transfobia (Braun et al., 2017; Riffenburgh; Strassman, 1967). Esses dados corroboraram para a importância de integrar a temática de saúde LGBT+ de forma obrigatória aos currículos e de construir mecanismos de apoio à estruturação pedagógica que auxiliem as aulas e/ou disciplinas a cumprirem seu papel frente à discussão da saúde da diversidade sexual (Moretti-Pires et al., 2019).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, o ensino em medicina deve ser focado no empoderamento dos graduandos no processo de aprendizagem (Brasil, 2014). A aprendizagem baseada em casos clínicos é uma estratégia válida para inclusão e sedimentação de temas teóricos da formação médica. Essa estratégia aproxima estudantes da vida cotidiana e contribui para o desenvolvimento de um olhar crítico voltado aos problemas reais da população. Modelos tradicionais que não introduzem a vivência junto à comunidade podem resultar na formação de profissionais de saúde desconectados das demandas populacionais específicas (Garcia et al., 2006).

A avaliação prospectiva e experimental com o modelo de discussão do tema e da prática ambulatorial mostra que é possível introduzir a temática na educação médica, promovendo aprendizagem e integrando o conhecimento na prática clínica, com poucos recursos e replicável. Diferentemente desta avaliação quasi-experimental, a maioria dos estudos sobre essa temática, que são poucos, são cortes transversais com questionários semiestruturados ou estudos qualitativos que descrevem as vivências e percepções de alunos de medicina com relação ao atendimento em sexualidade (Medeiros et al., 2023; Rufino, A. et al., 2013; Visgueira et al., 2021).

Entre as limitações deste estudo destacamos o tamanho da amostra que contemplou apenas alunos de um único ano do curso. Além disso, o menor preenchimento do questionário pós-intervenção pode resultar em vieses da análise, uma vez que não é possível avaliar se os alunos que não preencheram o segundo momento da coleta tenham adquirido o conhecimento sobre a intervenção oferecida. O tamanho da amostra também pode refletir na impossibilidade de extrapolar esses dados a nível populacional, embora possa servir como uma diretriz formuladora de novas pesquisas na área. Também não foi possível comparação com grupo controle durante a intervenção, pois a temática faz parte da grade curricular e a não participação dos alunos na disciplina traria prejuízo para o aprendizado. Nosso questionário focou exclusivamente na saúde de pessoas trans, embora a intervenção abordasse a saúde integral LGBT+ incluindo pessoas de comportamento não-heterossexual, incluindo saúde reprodutiva, prevenção de ISTs, doenças cardiovasculares e rastreios oncológicos.

A população trans enfrenta inúmeras barreiras de acesso às redes de saúde por preconceito e lacunas na formação dos profissionais de saúde, sendo a capacitação dos profissionais de saúde uma estratégia central para o melhor acolhimento desta população (ACOG, 2021; Coleman et al., 2022; Visgueira et al., 2021). A desmistificação de construções pejorativas, patologizantes e excludentes às pessoas transgênero na medicina é essencial para o desenvolvimento de estratégias de promoção da saúde e compreensão dos processos fisiológicos e de determinantes sociais desta população.

Conclusão

O contato do aluno de medicina com a saúde da diversidade sexual e de gênero foi importante para a capacitação médica no cuidado à essa população. O contato e vivência do tema diversidade sexual na graduação pode ser uma estratégia objetiva que traz mais segurança para o aluno quanto às terminologias e abordagem e cuidados específicos desta população.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade de Ribeirão Preto pela possibilidade de realização deste projeto e por contemplar os atendimentos às pessoas trans em seus ambulatórios e aos membros da 44^a Turma de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto pela participação voluntária neste projeto.

Referências

- ACOG. (2021). Health Care for Transgender and Gender Diverse Individuals: ACOG Committee Opinion, Number 823. *Obstetrics and Gynecology*, v. 137, n. 3, p. e75–e88. Disponível em: https://journals.lww.com/greenjournal/fulltext/2021/03000/health_care_for_transgender_and_gender_diverse.31.aspx. Acesso em: 25 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES 3/2014—*Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências*. Diário Oficial da União, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15874-rces003-14&category_slug=junho-2014-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 out. 2024.
- BRAUN, H. M.; GARCIA-GROSSMAN, I. R.; QUIÑONES-RIVERA, A.; DEUTSCH, M. B. Outcome and Impact Evaluation of a Transgender Health Course for Health Profession Students. *LGBT Health*, v. 4, n. 1, p. 55–61, 2017. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/lgbt.2016.0119>. Acesso em: 25 out. 2024.
- CHU, J.; HAVILAND, M.; HACKER, M. R.; MESERVEY, M.; MAHONEY, B.; GOMEZ-CARRION, Y. Barriers to care and reproductive considerations for female-to-male transgender gender confirmation surgery. *American Journal of Obstetrics and Gynecology*, v. 218, n. 2, p. S915–S916, 2018. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8903873/>. Acesso em: 25 out. 2024.
- COLEMAN, E.; RADIX, A. E.; BOUMAN, W. P.; BROWN, G. R.; DE VRIES, A. L. C.; DEUTSCH, M. B.; ETTNER, R.; FRASER, L. *et al.* Standards of Care for the Health of Transgender and Gender Diverse People, Version 8. *International Journal of Transgender Health*, v. 23 (sup1), S1–S259, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/26895269.2022.2100644>. Acesso em: 25 out. 2024.
- DUBIN, S. N.; NOLAN, I. T.; STREED J. R., C. G.; GREENE, R. E.; RADIX, A. E.; MORRISON, S. D. Transgender health care: Improving medical students' and residents' training and awareness. *Advances in Medical Education and Practice*, v. 9, p. 377–391, 2018. Disponível em: <https://www.dovepress.com/transgender-health-care-improving-medical-students-and-residents-train-peer-reviewed-fulltext-article-AMEP>. Acesso em: 25 out. 2024.
- GARCIA, M. A. A.; PINTO, A. T. B. C. E S.; ODONI, A. P. C.; LONGHI, B. S.; MACHADO, L. I.; LINEK, M. D. S.; COSTA, N. A. *Interdisciplinaridade e integridade no ensino em saúde*, v. 15, n. 6, p. 473–485, 2006. Disponível em: <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=1157896>. Acesso em: 25 out. 2024.
- GOODMAN, M.; ADAMS, N.; CORNEIL, T.; KREUKELS, B.; MOTMANS, J.; COLEMAN, E. Size and Distribution of Transgender and Gender Nonconforming Populations: A Narrative Review. *Endocrinology and Metabolism Clinics of North America*, v. 48, n. 2, p. 303–321, 2019. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0889852919300015>. Acesso em: 25 out. 2024.
- LEARMONTH, C.; VILORIA, R.; LAMBERT, C.; GOLDHAMMER, H.; KEUROGHLIAN, A. S. Barriers to insurance coverage for transgender patients. *American Journal of Obstetrics and Gynecology*, v. 219, n. 3, 2018. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0002937818303776>. Acesso em: 25 out. 2024.

MEDEIROS, E. S.; OLIVEIRA JUNIOR, J. B. D.; LEIRIA, M.; MORETTI-PIRES, R. O.; MELLO, M. M. C. E. A formação de estudantes de Medicina para o cuidado destinado à saúde de pessoas LGBTI+. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 47, n. 3, p. e108, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/wG9M4xzMYtkPNdnLtdx33CD/?format=pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

MORETTI-PIRES, R. O.; GUADAGNIN, L. I.; TESSER-JÚNIOR, Z. C.; CAMPOS, D. A. D.; TURATTI, B. O. Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero entre Estudantes de Medicina de 1o ao 8o Semestre de um Curso da Região Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, (1 suppl 1), p. 557–567, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/dn39DWyg4kQkVJrYWPcN6K/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

NEGREIROS, F. R. N. D.; FERREIRA, B. D. O.; FREITAS, D. D. N.; PEDROSA, J. I. D. S.; NASCIMENTO, E. F. D. Saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: Da Formação Médica à Atuação Profissional. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, n. 1, p. 23–31, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/tfbkrZY79FzFFHCnHpcffCw/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

RIFFENBURGH, R. S.; STRASSMAN, H. D. A curriculum in sexual education for medical students. *Journal of Medical Education*, v. 42, n. 11, p. 1031–1036, p. 1967. Disponível em: https://journals.lww.com/academicmedicine/abstract/1967/11000/a_curriculum_in_sexual_education_for_medical.7.aspx. Acesso em: 25 out. 2024.

RIGOLON, M.; CARLOS, D. M.; OLIVEIRA, W. A. D.; SALIM, N. R. “Health does not discuss trans bodies”: Oral History of transsexuals and transvestites. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73 (suppl 6), e20190228, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/x58YbB45vmkKFqh8zyhCCLC/?lang=en>. Acesso em: 25 out. 2024.

RUFINO, A.; MADEIRO, A. P.; GIRÃO, M. J. B. C. O Ensino da sexualidade nos cursos médicos: a percepção de estudantes do Piauí. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 37, n. 2, p. 178–185, 2013. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-683287>. Acesso em: 25 out. 2024.

SPIZZIRRI, G.; EUFRÁSIO, R.; LIMA, M. C. P.; NUNES, H. R. C.; KREUKELS, B. P. C.; STEENSMA, T. D.; ABDO, C. H. N. Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. *Scientific Reports*, v. 11, n. 1, p. 2240, 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-021-81411-4>. Acesso em: 25 out. 2024.

VISGUEIRA, F. L. L.; CHAVES, S. R. S.; BATISTA, L. I. V.; NUNES, M. D. D. S. Análise do conhecimento de estudantes de medicina acerca da identidade de gênero. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 45, n. 4, p. e192, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/Qr8jpgZ4cpG8dRJC66QPxB/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

Recebido em: 25/10/2024

Aprovado em: 24/01/2025

Anexo I: Casos Clínicos discutido na aula “Atendimento Integral à Diversidade Sexual”

1. Pessoa com vulva e vagina, 23 anos, usuária de dispositivo intrauterino liberador de levonorgestrel, em amenorreia, refere aparecimento de lesão verrucosa em vulva. Ao exame, há um condiloma.
 - a. Paciente deseja saber como prevenir o aparecimento destas lesões e de outras Infecções Sexual Transmissíveis (ISTs)?
 - b. Durante as orientações, essa paciente comentou que se relaciona com outra pessoa com vulva, uma mulher cis. Como conduzir essas orientações?
2. Mulher, 29 anos, G0, comparece a consulta pois deseja gestar. Refere ter uma parceira de 26 anos, que no momento, não deseja gestar, mas topa ser mãe. Nega patologias, medicações e refere uso ocasional de maconha. Ao exame: Bom estado geral, corada, IMC: 36 Kg/m², pressão arterial de 138x90 mmHg. Sem achados no exame ginecológico e mamário.
 - a. Quais opções essa paciente tem para tentar uma gravidez?
3. Mulher, 27 anos, comparece a consulta de rotina. Refere ser a primeira vez no ginecologista e está ansiosa para saber se será necessário colher **papanicolaou**. Tem uma parceria designada do sexo feminino ao nascimento e nunca transou com pessoas com pênis. Considerando essa paciente:
 - a. Você colheria o colpocitológico? É necessário examiná-la?
 - b. Você oferecia quais rastreios oncológicos para essa paciente?
4. Mulher trans, 17 anos, comparece à consulta pois deseja adequar seu corpo ao sexo feminino. Refere que desde a infância se entende como menina, tendo predileção por brincadeiras e vestimentas femininas desde então. Apresenta-se acompanhada dos pais que apoiam a decisão.
 - a. Quais estratégias você usaria para acessar a identidade de gênero e o nome social da paciente?
 - b. Para quem pode ser iniciado o tratamento hormonal de afirmação de gênero Terapia Hormonal de Afirmação de Gênero e Cirúrgico no Brasil segundo o Conselho Federal de Medicina?
 - c. Quais as contraindicações ao início da terapia hormonal de afirmação de gênero?
5. Homem trans, 43 anos, comparece para a rotina ginecológica. Faz Terapia Hormonal de Afirmação de Gênero com testosterona.
 - a. Considerando que ele tenha relações sexuais com uma mulher trans fértil, quais orientações em saúde reprodutiva precisam ser feitas?
 - b. Quais cuidados precisam ser oferecidos quando se pensa em rastreios oncológicos para esse paciente?